



## Arquivos como espaços de diálogo: reflexões a partir do projeto *Onde (não) estavam elas?* do Arquivo Municipal de Braga

Alexandra Rodrigues<sup>a</sup>

<sup>a</sup>*Câmara Municipal de Braga, Portugal, rodriguestav@gmail.com*

---

### Resumo

Os arquivos desempenham um papel essencial como mediadores entre o património documental e a sociedade, constituindo espaços onde a informação pode ser interpretada e discutida de forma participativa, criando oportunidades de diálogo e inclusão. Esta comunicação parte do projeto *Onde (não) estavam elas?*, integrado no MEMORAR, o programa de mediação cultural do Arquivo Municipal de Braga (AMBRG), como exemplo de prática arquivística participativa orientada para a inclusão e o diálogo social. Partindo do acervo fotográfico do AMBRG, o projeto mobilizou um grupo sénior e a comunidade local num processo de reflexão e criação coletiva sobre a presença e a ausência das mulheres na história visual da cidade. A análise evidencia metodologias replicáveis para outros serviços de informação: o uso do documento como dispositivo crítico; o diálogo comunitário e intergeracional; a cocriação como ferramenta de participação; e a valorização das narrativas ausentes ou silenciadas nos registos históricos. A partir deste estudo de caso, reflete-se sobre o potencial dos arquivos como espaços de diálogo e partilha de conhecimento, fundamentais para a consolidação de uma cultura da informação mais plural, inclusiva e democrática.

**Palavras-chave:** Arquivos, Mediação Cultural, Diálogo, Inclusão, Participação.

---

### Introdução

Os arquivos são pilares fundamentais da democracia. Para além de preservarem a memória coletiva e garantirem o direito à informação, desempenham uma função essencial na promoção da transparência e na salvaguarda da identidade cultural das comunidades.

A relevância contemporânea dos arquivos depende da sua capacidade de promover a participação cidadã e de devolver à sociedade o património documental enquanto bem comum, aberto à interpretação e ao debate. Neste contexto, a mediação cultural assume um papel essencial. Enquanto prática de diálogo e de construção partilhada de sentidos, rompe com a perceção do arquivo como lugar estático, transformando-o num espaço relacional, onde o conhecimento e a memória se constroem de forma colaborativa. Como defendem Mörsch e Holland (2015), trata-se de fomentar abordagens de mediação que conduzam os públicos de uma participação meramente recetiva para níveis mais interativos e colaborativos, promovendo a criação conjunta de significados e o exercício de cidadania cultural.

Esta perspetiva aproxima o arquivo das dinâmicas sociais e culturais do seu tempo, promovendo uma cidadania ativa e inclusiva. A democracia cultural, nas palavras de Wilson, Gross e Bull (2017), caracteriza-se pela liberdade dos cidadãos de criarem as suas próprias versões da cultura, tornando-se agentes ativos e comprometidos. Assim, os arquivos, ao envolverem as comunidades nos processos de interpretação e criação, deixam de ser espaços de consumo passivo de informação para se tornarem

laboratórios de produção cultural e crítica.

É neste quadro que se inscreve o projeto *Onde (não) estavam elas?*, integrado no MEMORAR, o programa de mediação cultural do AMBRG, e desenvolvido entre março e novembro de 2025. A iniciativa mobilizou o acervo fotográfico, nomeadamente imagens dos fundos *Photographia Aliança* e *Casa Pelicano*, selecionadas pela sua relevância para a compreensão da história e da evolução da cidade ao longo do século XX. A partir desse conjunto documental, o projeto procurou refletir criticamente sobre a visibilidade e a invisibilidade das mulheres na história visual da cidade, convocando a comunidade a participar num processo de reconstrução simbólica e reinterpretação da memória coletiva. O projeto foi concebido como uma prática participativa, desenvolvida em colaboração com o coletivo PELE<sup>1</sup>, estruturando-se em três fases complementares.

A primeira fase consistiu numa conversa pública realizada no AMBRG, que reuniu membros da comunidade académica e um público diverso em torno da questão *Onde (não) estavam elas?*. A partir de uma seleção de imagens do acervo fotográfico, realizada pelo coletivo PELE, este momento, amplamente participado, abriu o arquivo à comunidade como espaço de debate e de partilha, incentivando a reflexão sobre a representação e as ausências das mulheres nos registos visuais da cidade.

A segunda fase partiu das mesmas imagens do acervo fotográfico e envolveu a realização de um conjunto de sessões, coletivas e individuais, com o grupo sénior do Centro Social de Cunha, localizado numa freguesia periférica do concelho de Braga. A escolha desta instituição procurou aproximar o arquivo de territórios e públicos habitualmente menos representados. Entre maio e julho de 2025, os/as 12 participantes foram convidados a comentar, interpretar e relacionar criticamente as imagens dos fundos *Photographia Aliança* e *Casa Pelicano* com as suas memórias e experiências. O processo assentou em princípios de escuta ativa e valorização das narrativas pessoais como contributos legítimos para a leitura histórica. O grupo sénior realizou também uma visita ao AMBRG, com o objetivo de contextualizar a proveniência das imagens e aproximar os participantes do Arquivo enquanto espaço de memória e produção de conhecimento.

## **Método**

Do ponto de vista metodológico, o projeto apoiou-se em dois princípios estruturantes: o acesso ao acervo, que permitiu aos participantes apropriarem-se criticamente das imagens e das narrativas nelas inscritas; e o reconhecimento da comunidade como produtora de conhecimento, integrando as suas interpretações e vivências no resultado final.

A fase final materializou-se na criação de um percurso sonoro e expositivo, apresentado no centro histórico de Braga entre outubro e novembro de 2025. A instalação integrou registos fotográficos do acervo e excertos sonoros das memórias, interpretações e testemunhos recolhidos durante as duas fases do projeto, convertendo os contributos da comunidade em matéria narrativa do percurso e devolvendo ao espaço público uma memória plural construída coletivamente, convidando os públicos a revisitarem a cidade através das vozes e memórias recolhidas. O projeto mobilizou diretamente 288 participantes, envolvendo público escolar, universitário, academia sénior e público geral. A componente expositiva em espaço público impossibilitou a aferição do número de visitantes.

## **Resultados**

Embora o resultado tangível tenha sido o percurso sonoro e expositivo, a relevância do projeto residiu sobretudo no processo de mediação e construção coletiva do conhecimento. Ao transformar o acervo fotográfico em dispositivo crítico, o projeto estimulou uma leitura reflexiva das imagens, revelando não apenas o que mostram, mas também o que silenciam. Este processo promoveu a literacia da informação,

permitindo compreender o arquivo como uma construção social permeada por relações de poder e contextos ideológicos.

A abordagem segue a perspectiva proposta pelo Plano Nacional das Artes (2021), segundo a qual a democracia cultural “implica a valorização de culturas e públicos distintos e reconhece o direito de emancipação e empoderamento dos cidadãos como sujeitos culturais ativos” (p. 6). Ao promover a leitura crítica do seu acervo, o Arquivo assume-se como um espaço de pensamento e diálogo sobre o modo como a história é construída, representada e, por vezes, omitida. Esta perspectiva aproxima-se das abordagens da arquivística participativa e da mediação cultural comunitária, que defendem o envolvimento ativo das comunidades na interpretação, contextualização e ativação social dos acervos. Flinn (2011) sublinha a importância dos projetos colaborativos e comunitários na democratização da memória e na redefinição do papel social dos arquivos, enquanto Cook (2013) evidencia a transição do paradigma arquivístico custodial para modelos centrados na memória, identidade e comunidade. Na mesma linha, Simon (2010) defende instituições culturais participativas, onde os públicos assumem um papel ativo na construção de significados, enquanto Caswell (2021) destaca o potencial dos arquivos na visibilização de narrativas historicamente marginalizadas e na promoção de formas mais inclusivas de representação.

## Conclusão

A experiência permitiu identificar metodologias transferíveis para outros contextos arquivísticos e serviços de informação. Destacam-se, neste âmbito, práticas replicáveis que reforçam o papel dos serviços de informação como espaços de cidadania: o uso do documento como dispositivo crítico, que estimula a literacia informacional e a reflexão sobre o passado; a valorização da participação comunitária, que transforma os públicos em sujeitos ativos da memória; o diálogo intergeracional e interdisciplinar, que articula saberes técnicos, académicos e empíricos; e a exposição do património no espaço público, que democratiza o acesso e convoca novos olhares sobre a história. Estas dimensões articulam-se como práticas que ultrapassam a mediação expositiva tradicional e configuram o Arquivo como espaço de escuta, de produção simbólica e de construção social do conhecimento.

A experiência do projeto *Onde (não) estavam elas?* demonstra que, através de metodologias participativas, os arquivos podem afirmar-se como espaços de democracia cultural, onde o acesso à informação se articula com a participação cidadã e a reflexão crítica sobre a memória coletiva. Ao reconhecerem os cidadãos como cocriadores da cultura, os arquivos consolidam-se como espaços de encontro, diálogo e inclusão, comprometidos com os valores da pluralidade e da democracia.

## Referências bibliográficas

Caswell, M. (2021). *Urgent archives: Enacting liberatory memory work*. Routledge.  
<https://doi.org/10.4324/9781003001355>

Cook, T. (2013). *Evidence, memory, identity, and community: Four shifting archival paradigms*. *Archival Science*, 13(2-3), 95–120. <https://doi.org/10.1007/s10502-012-9180-7>

Flinn, A. (2011). Archival activism: Independent and community-led archives, radical public history and the heritage professions. *InterActions: UCLA Journal of Education and Information Studies*, 7(2).  
<http://doi.org/10.5070/D472000699>

Mörsch, C., & Holland, A. (2015). *Time for cultural mediation*. Institute for Art Education of Zurich University of the Arts & Pro Helvetia. <https://www.kultur-vermittlung.ch/zeit-fuer-vermittlung/index.html>

Plano Nacional das Artes. (2021). *Carta do Porto Santo: A cultura e a promoção da democracia: Para uma cidadania cultural europeia*. Plano Nacional das Artes. <https://portosantocharter.eu/wp-content/uploads/2021/05/CartaDoPortoSanto.pdf>

Simon, N. (2010). *The participatory museum*. Museum 2.0. <https://participatorymuseum.org/read/>

Wilson, N., Gross, J., & Bull, A. (2017). *Towards cultural democracy: Promoting cultural capabilities for everyone*. King's College London. <https://www.kcl.ac.uk/cultural/resources/reports/towards-culturaldemocracy-2017-kcl.pdf>

<sup>1</sup> PELE é um coletivo que desenvolve projetos de criação artística enquanto espaços de reflexão, ação e participação cívica e política.